Como acontece meu processo criativo

DA INQUIETAÇÃO À CRIAÇÃO

Meu processo criativo nasce, quase sempre, de uma inquietação. Antes da imagem, existe uma pergunta. Algo que observo no mundo, uma memória, uma injustiça, uma história, uma experiência humana ou uma realidade que me atravessa e que sinto necessidade de compreender por meio da arte.

Não parto apenas da ideia de produzir uma obra visualmente bonita. Procuro entender o que aquela obra precisa dizer, provocar ou tornar visível. Muitas vezes começo escrevendo palavras, frases, perguntas e símbolos. Pesquiso histórias, imagens, contextos e referências até perceber qual linguagem consegue sustentar aquilo que desejo comunicar.



Meu processo costuma acontecer em movimentos que se atravessam:

SEIS MOVIMENTOS, UM PROCESSO EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO

1. Inquietação

reconheço aquilo que me toca, incomoda ou mobiliza: infância, memória, desigualdade, violência, dignidade, espiritualidade, pertencimento, esperança.

2. Escuta e pesquisa

observo histórias, territórios e experiências, procurando não falar pelo outro, mas compreender de que lugar estou criando.

3. Construção simbólica

procuro cores, objetos, palavras, gestos e materiais capazes de carregar sentidos. Uma costura pode falar de ferida e reconstrução; o papelão pode trazer precariedade e memória; uma caixa de remédio pode tornar-se metáfora para aquilo que nenhuma medicação resolve.

4. Experimentação

desenho, escrevo, pinto, sobreponho camadas, apago, rasgo, costuro e reorganizo. Nem sempre a obra segue aquilo que imaginei inicialmente. Permito que o próprio processo também me indique caminhos.

5. Travessia

chega um momento em que aquilo que inicialmente era apenas uma inquietação começa a adquirir outra forma. A experiência é transformada em linguagem e a obra passa a produzir novas perguntas.

6. Encontro

considero que a obra não termina quando deixo de pintá-la. Ela continua no encontro com quem olha. O espectador traz sua própria memória e sua própria história, criando sentidos que já não pertencem somente a mim.

A linguagem que se constrói

Minha linguagem também nasce dessa tensão entre dor e esperança. Muitas vezes utilizo figuras humanas, contrastes entre cores quentes e tons mais silenciosos, palavras, marcas, costuras, texturas e materiais carregados de memória. Não procuro esconder as feridas, mas também não quero reduzi-las ao sofrimento. Interessa-me aquilo que pode existir depois ou apesar delas.

> *Por isso, compreendo meu processo criativo como uma travessia.*

Eu parto de algo que me atravessa, investigo, transformo em matéria, imagem e símbolo e devolvo essa experiência ao mundo como uma pergunta.

Não crio para oferecer respostas prontas. Crio para tornar visível, provocar consciência e abrir espaços onde outras pessoas também possam encontrar seus próprios sentidos.

No fundo, meu processo poderia ser resumido assim:

> **sentir → observar → pesquisar → significar → criar → compartilhar → ressignificar.**

A obra nasce de uma inquietação, atravessa minhas mãos e deixa de ser apenas minha quando encontra o olhar do outro.

Valéria Pinheiro